

Construir o contemporâneo : Bauchau revendo *Antígona*, de Sófocles¹

Philippe Willemart²

Remodelar constantemente "a Antígona da qual precisamos hoje" é uma maneira de se distanciar para olhar nossa própria sociedade e, nos dias sombrios da História, questioná-la" sem olhar demais.
Les Antigones contemporaines : (de 1945 à nos jours). Rose Duroux

NA ILUSTRADA DA FOLHA DE S. PAULO DE FEVEREIRO DE 2019, SERGIO CONTI, NUM ARTIGO INTITULADO *ENTERRAR OS MORTOS PARA VIVER EM PAZ*, COM O SUBTÍTULO *ANTÍGONA DISSE QUE PRANTEAR E SEPULTAR O IRMÃO IMPORTAM MAIS QUE A POLÍTICA E O PODER*, RELATA BREVEMENTE AS DIVERSAS INTERPRETAÇÕES DA PEÇA DE SÓFOCLES: Aristóteles insistindo na catarse, Sigmund Freud nas pulsões, Judith Butler na questão queer, Slavoj Žižek no marxismo, Jean Anouilh na identificação de Créon aos nazistas, Hegel nas tensões entre a Lei e os costumes para enfim colocar sua interpretação da luta recente entre a Justiça brasileira e o desejo do ex-presidente Lula de enterrar o irmão. Conti ilustra as repercussões do seu ato e a fama de Antígona na cultura ocidental.

Acompanhando a formação da personagem Antígona nos manuscritos e no *Diário* da obra *Antígona* de Henry Bauchau, escritor e psicanalista belga falecido em 2012, chegarei ao tema do congresso: a construção do contemporâneo, e verei até que ponto a personagem se aproxima ou se distancia da Antígona de Judith Butler, protagonista e participante do movimento queer. Praticamente, vou questionar a Antígona de Sófocles e a de Bauchau e ver se elas entrariam neste bar-café de Amsterdam, encontrado por acaso em março de 2019, voltava do Rijksmuseum, dedicado a Rembrandt.



Lembremos rapidamente a trama na tragédia de Sófocles: *Édipo-rei*. Tendo resolvido o enigma da esfinge, Édipo salvou Tebas da peste e em recompensa se casa com a rainha Jocasta, sem saber da identidade dela nem de Laios, seu pai, que ele acabava de matar antes de encontrar a esfinge. Jocasta lhe deu quatro filhos, os gêmeos Polinice e Eteocles e as irmãs Antígona e Ismena. Revelada a profecia de Tirésias, Édipo se descobre assassino do pai e numa relação de incesto com a mãe; Jocasta se enforca e Édipo fura seus olhos. Banido, foge de Tebas acompanhado por sua filha, Antígona.

Sófocles continua a epopeia em outra tragédia, *Antígona*. Após a disputa mortal dos irmãos Polinice e Eteocles brigando pelo trono de Tebas, Eteocles, o rei legítimo, é enterrado com as honras de herói enquanto o corpo de Polinice é

¹ Conferência pronunciada no XIVº congresso internacional *Rascunhos do contemporâneo*, "Construindo o contemporâneo" e não cinzas (Milton) da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) em outubro de 2019 em Curitiba

² Philippe Willemart, membro fundador da APCG e do Laboratório do Manuscrito Literário da USP, pesquisador do CNPq e autor de vários livros nas editoras Ateliê e Perspectiva de São Paulo, L'Harmattan de Paris e Peter Lang de Oxford

abandonado aos corvos e abutres. Antígona, não suportando a situação do irmão, cobre o corpo para salvá-lo das aves de rapina, contrariando a lei do tio, Creonte, sucessor de Eteocles. Por esse crime, ela é condenada a morrer clausurada numa gruta.

Voltando à primeira tragédia, constatamos a situação bizarra de Antígona quanto à sexualidade dita comum. O pai dela, Édipo, é filho da mesma mãe Jocasta e é, portanto, pai e irmão dela.

Por isso, Antígona virou referência para Judith Butler³, autora que problematiza a questão do gênero: « Embora não seja inteiramente uma heroína queer, ela, Antígona, é emblemática de uma certa fatalidade heterossexual »⁴

Embora não seja inteiramente heroína queer, ela já o é, no entanto, em grande parte, ao enfrentar o poder do tio, tomando uma atitude de homem, a tal ponto que o tio Creonte lhe diz: “agora, entretanto, homem não serei eu, homem será ela, se permanecer impune tamanho atrevimento”⁵. Em *Édipo em Colono*, escrito no fim de sua vida, mas cronologicamente situada antes da tragédia *Antígona*, Sófocles acentua o papel de homem de Antígona, quando Édipo diz para seu filho Polinice :

São elas (Antígona e sua irmã Ismena) que salvaram minha vida, são elas que me alimentaram, são elas que se mostraram homens e não mulheres, para me ajudar, e não você que me expulsou de Tebas e que amaldiçoo.⁶

Isto é, há nitidamente em Sófocles uma extensão da masculinidade em Antígona que justifica o questionamento da divisão tradicional entre homens e mulheres não necessariamente ligada ao corpo biológico. Reparamos que não se trata aparentemente de gozo sexual de Antígona, mas de suas atitudes relativas ao poder, às leis e aos deveres filiais, atitudes que decorrem também de seu amor filial por Édipo e do amor fraterno excessivo por Polinice, o que leva Butler a suspeitar de uma forte ligação incestuosa entre os dois irmãos, já que Antígona enfrenta até a morte para enterrar Polinice. O incesto rodeia de fato a família desde a união de Édipo com a mãe Jocasta e neste sentido, o gozo sexual está presente na surdina.

Segunda parte:

Em quais circunstâncias atua Antígona no segundo livro de Bauchau : *Antígona*. A personagem poderia fazer parte do movimento queer?

³ Judith Butler, nascida em Cleveland, em 1956, é uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer. Ela é professora do departamento de retórica e literatura comparada da Universidade da Califórnia em Berkeley e desde 2006, também atua como professora de filosofia no European Graduate School, na Suíça. Butler aponta a falsa estabilidade da categoria mulher e propõe um modo de interrogar a constituição do sujeito que não requeira uma identificação normativa com o sexo na forma binária (homem / mulher)

⁴ BUTLER, Judith, *Antigone's claim. Kinship between life and death*. The Wellek Library, 2002, p.72

⁵ SÓFOCLES, *Antígona* (441aC). Trad. Donaldo Schüler, Porto Alegre: L&PM Pocket 1999, v. 485, verso que Butler transforma: “na tragédia, os guardas, o Coro e Créon estranham e perguntam: Quem é o homem aqui? Parece ser o espectro de homem que Antígona abriga, os irmãos dos quais ela tomou o lugar e o papel”, BUTLER, *Antigone : la parenté entre vie et mort*. Trad. Guy le Gaufey. Paris: EPEL, 2003, p. 89

⁶ SOPHOCLE, *Tragédies*, Trad. Paul Mazon, Paris: Gallimard, 1973, v.417

Henry Bauchau retoma Sófocles sobre os motivos da morte da heroína – enterrar seu irmão Polinice contra a lei do rei Creonte, que proíbe as honras funerárias para os traidores - mas antes, o autor belga retrata a história não contada por Sófocles da chegada de Antígona em Tebas após a morte de Édipo, a vida de sofrimentos do povo na cidade sitiada por Polinice e defendida pela irmão Eteocles, a visita de Antígona ao campo de Polinice na tentativa de reconciliar os irmãos, a fracassada invasão da cidade por Polinice, a morte dos irmãos e a retomada do poder por Creonte. Diferente de Sófocles, que salienta as lamentações de Creonte, que obedecendo ao Corifeu, quer liberar Antígona sem conseguir, Bauchau desenha uma Antígona original no decorrer do romance e particularmente nos dois últimos capítulos.

Vejam como Bauchau prepara o texto. Não somente através dos manuscritos (1990-1997), mas também do seu diário (1987 a 1997).

Primeira ressalva: em que documentos de processo o pesquisador deve se apoiar nesse caso: no *Diário* de Bauchau, que contém reflexões sobre sua escritura ou nas versões manuscritas da obra? O *Diário* estaria mais próximo da vontade e do pensamento do escritor enquanto as versões se afastariam dele na medida em que a escritura se impõe aos poucos por meio das personagens e da narrativa? Não é o que acontece com Bauchau, as duas escrituras se espelham uma na outra. As duas escrituras não são eventos separados. Por vezes, o mesmo texto sem rasura aparece no Diário.

Segunda ressalva: não há necessariamente cronologia na criação de uma obra. Tudo o que aconteceu no espaço da escritura e que entra na “memória da escritura” pode intervir a qualquer momento e não na ordem do calendário.⁷ Mesmo assim e paradoxalmente, seguindo Freud, eu privilegio a leitura “só depois” na qual o texto publicado ou a última versão dá o sentido ou a lógica ao que precede sem ignorar a lógica de cada versão independente da última.

A segunda ressalva me autoriza e mergulhar em qualquer trecho dos manuscritos ou do *Diário* para definir os processos de criação usados por Bauchau para definir sua Antígona.

Dia 18 de maio de 1997, Bauchau já tinha terminado o romance e recapitula o que aconteceu durante esses anos de trabalho⁸:

No decorrer destes três anos, a personagem se modificou em mim. Seu papel perto de Édipo acabou e a força que ela adquiriu e que ela ignora [...] vai lhe dar a força para enfrentar outras provas (Em 1993), eu via Antígona indo de fracasso em fracasso, antes de ser enterrada viva sob a ordem de Creonte. - É a visão de Sófocles -, (Entretanto), a personagem me chama, sigo-a me questionando.⁹

⁷ WILLEMART, *A escritura na era da indeterminação*, São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 29. É o fenômeno de intricação em física quântica: « a existência de correlações entre subsistemas distantes tendo uma origem comum ». Isso significa que: « as partículas tendo interagido no passado, embora espacialmente separadas, apresentam correlações entre si » DAMOUR et BURNIAT, *Le mystère du monde quantique*, Paris: Dargaud, 2017, p. 141

⁸ Bem depois da redação desta intervenção, percebi que este texto recorta em alguns pontos o artigo de Annie Pibarot publicado em *Les Antigones contemporaines de 1945 à nos jours* (2010, 105-118) quanto à construção da personagem Antígona em Bauchau.

⁹ BAUCHAU, *Journal d'Antigone* (1989-1997), Aix: Actes-Sud, 1999, p. 498

Bauchau se sente interrogado pelo que representa a personagem que não parou de habitá-lo a ponto de dedicar-lhe cinco narrativas e vários poemas.¹⁰ Mais tarde, ele se dá conta que ele fez dela uma personagem, quase uma pessoa, já que lhe atribui um não sabido muito próximo do inconsciente: “a força que ela adquiriu e que ela ignora”, uma personagem que se tornará cada vez mais autônoma embora se revelando paradoxalmente parte do psíquico de Bauchau. No mesmo dia, no *Diário*, continua delineando seu percurso com a personagem :

“Na primavera 1993, escrevo *O grito* para um colóquio sobre a poesia” (o texto será um capítulo do livro *Antígona*, trata-se do grito lançado por Antígona na reunião do Conselho em Tebas e em seguida, na ágora para recolher comida e dinheiro para os pobres da cidade). “Digo que lá “os nomes reunidos de Sófocles e de Antígona encontrarão o lugar, que não sendo a vida, se torna mais forte e mais vivo do que a vida”

E em seguida, ele constata a necessidade de dar inteiramente a palavra a Antígona: “No verão de 1994, Antígona, aos poucos, se tornou tão próxima nas palavras que a distanciação do “ela” me pareceu factícia e finalmente impossível.¹¹

Sentindo essa aproximação, Bauchau refaz o romance escrito no início na terceira pessoa e deixa Antígona contar sua história, embora continue denegando a identificação

O que impediu a identificação com Antígona, é que a sentindo muito próxima, nunca cessei de perceber nela o mistério da mulher para o homem. [...] chamei a parte feminina que existe em mim como em qualquer homem que não se contenta de desenvolver seu ego. Chamei também a parte viril existente nela como em qualquer mulher. [...] (assim) empurrei Antígona, como faz a sociedade ocidental atual para muitas mulheres, em direção de uma certa imagem andrógena. Constato o fato sem me lembrar o querer.¹²

Reencontramos aqui o psicanalista Henry Bauchau retomando Freud sobre a parte feminina no homem e a parte masculina na mulher que já se opunha à separação tradicional e radical entre os sexos ou os gêneros. Neste sentido, Freud poderia ter entrado no Bar Queer em Amsterdam.

No dia 14 de setembro de 1996, Bauchau fortalece a caracterização de Antígona :

Para deixar falar em mim Antígona, é preciso que eu libere toda a parte feminina do meu ser, o que não se faz sem oposição. Chego muitas vezes a uma Antígona andrógena, que é provavelmente viva em mim, mas que não é toda Antígona porque sua feminidade também me atrai e me inspira.¹³

¹⁰ Vários poemas dos quais *Sophocle sur la route* e *Regards sur Antigone*, várias narrativas das quais duas tiradas de versões iniciais de *Édipo na Estrada*, *Diotime et les lions* e *L'Arbre fou*. Id., Ibid., p.498)

¹¹ Id., Ibid., p.498

¹² Id., Ibid., p.500

¹³ Id., Ibid., p.469

A forte ligação entre o escritor e a personagem questiona a separação que sempre defendi entre personagens e autor. Como resolver essa problemática? Já discuti a questão a propósito de Roland Barthes no capítulo “Criação, crítica genética e autoria” de *A escritura na era da indeterminação* ao qual reenvio o leitor.¹⁴

Na primeira versão no Caderno 3 escrito em 1993, folio 16, (ML 7973) Bauchau suspeita de uma dimensão ainda não sublinhada de Antígona que lhe veio pelo sonho. É um acréscimo importante que determinará os dois últimos capítulos :

O que me parece novo nas inspirações desta noite é o lugar de Antígona na história da mulher. De fato, a liberdade é representada habitualmente por uma mulher e uma mãe. Antígona continua rapariga nem mãe nem esposa. Somente filha, irmã e amante mas antes de tudo livre. É ela que não se inclina diante da paixão social.

A ligação entre a personagem e o escritor já se revelava forte. Antígona se manifesta nos sonhos do escritor, processo de criação muito usado por Bauchau em toda a obra, que acentua não só a submissão do escritor à escritura, mas a submissão do scriptor à vida psíquica do escritor, como se o escritor estivesse no meio entre a página e o sonho, como se fosse apenas a mão que escreve sob o ditado do psíquico.

Será que voltamos ao conceito romântico da musa inspiradora que faz do escritor um instrumento da musa? Sim e não.

Sim, porque o conceito ou a ideia, aqui “o lugar de Antígona na história da mulher”, ou o que traz Antígona de novo na história da mulher, vem do sonho.

Não, porque o desenvolvimento do conceito vem do trabalho da escritura no manuscrito. É como se o sonho juntasse o significante “mulher” com um sentido, “o que representa Antígona”, que estaria incrustado na mente de Bauchau sob uma forma arcaica, isto é, desde a infância¹⁵ àquele oriundo do convívio com mulheres no século XX.¹⁶

Retomando a pergunta. O sonho questiona a história da função social da mulher na sociedade. Antígona age de fato como uma mulher livre já em Sófocles e por isso ofende Creonte que lhe pergunta quem é o homem aqui. Ela não se submete aos hábitos da mulher na sociedade grega e anuncia assim a mulher do século XX que trabalha, vota e é dona de seu corpo.

Do ponto de vista da sexualidade, Bauchau não é diferente de Sófocles, mas, ele acentua e ilustra a masculinidade da personagem quando sublinha sua autonomia financeira - artista, ela esculpe estatuetas para viver em Tebas- , quando ressalta seu espírito de organização nos cuidados dos feridos, doentes e pobres durante a guerra, quando sublinha a sua arte de manipular as armas, a lança e o arco, durante o cerco de Tebas por Polinice, atitudes que são habitualmente atribuídas ao homem na sociedade grega e, ainda, em várias comunidades hoje, atitudes que acentuam sua complexidade sexual e sua androgonidade.

¹⁴ WILLEMART, *ibid.*, p. 91

¹⁵ GOLSE, Bertrand. Les signifiants formels comme un lointain écho du bébé que nous avons été, *Le Carnet psy* 2007, p.4

¹⁶ Poderíamos acrescentar outra concepção da musa, não mais a musa “encarada habitualmente como uma mulher imóvel, inspiradora por sua beleza.”, mas como no filme *Portrait de la jeune fille en feu*, com Adèle Haenel e Noémie Merlant, na qual as colaboradoras se inspiram mutuamente. (Céline SCIAMMA, 2019)

Annie Pibarot o diz de outra maneira:

É como se à perturbação do parentesco da qual é portadora a personagem, se acrescentava uma perturbação da identidade sexual, no sentido de embaralhar as referências simples e os modelos preestabelecidos [...] devido ao incesto do qual ela é fruto.¹⁷

No final do Diário, recapitulando o que aconteceu com Antígona durante a composição e a redação, Bauchau deixa claro que

não tentei refazer o que Sófocles expressou com tanta profundidade, força e sobriedade. [...] (minha) Antígona não é uma personagem de tragédia, mas de romance, ela não é a mulher de um ato, um debate, uma recusa. Ela é a mulher de um mundo novo que, através de uma longa iniciação, encontra a coragem de agir e de pensar sem modelo.¹⁸

As atitudes de Antígona numa Tebas em guerra poderiam ser deduzidas da personagem de Sófocles, uma mulher forte que enfrenta o poder. Mas a descrição da mulher nova por Bauchau é visível notadamente nos dois últimos capítulos do livro intitulado *A gruta* e *A Antígona de Io*, nos quais o autor desenvolve outra Antígona jamais sonhada por Sófocles num lugar não tanto original:

Antígona procura o lugar no qual sua ação e sua palavra, as dos outros, as do acontecimento, escapando à servidão da atualidade, ao seu perpétuo deslizamento no esquecimento ou na banalidade, podem ser vistas e ouvidas com força e recuo suficientes. Agora que o livro está terminado, vejo que este lugar é o teatro.¹⁹

Como Bauchau vai passar do romance para o teatro? Ele pensa nisso desde 1992 bem antes do final da redação do romance. Agonizando na gruta, Antígona tem uma visão, na qual aparece outra personagem chamada a Antígona d'Ío:

Ela a representa, canta sem palavra e é ao mesmo tempo Antígona morrendo e Io viva. Ouvindo Édipo que lhe diz: você pode morrer Antígona e você não morrerá. [...] é preciso amar esta vida e aceitar perdê-la como agora você se perde em Io, que é você e que em seguida, gerará as inumeráveis Antígonas que, em teatros através dos séculos, perpetuaram sua história.²⁰

Vários personagens se superpõem no mesmo momento: Antígona, Io, Édipo e as atrizes que a representarão. Todos formam um único ser, ou melhor, são as mesmas faces de um mesmo ser.

¹⁷ PIBAROT, Annie. *Antigone de Bauchau : un roman sur la transmission théâtrale, Les Antigones contemporaines : (de 1945 à nos jours)*. Clermont-Ferrand 2 : Pu Blaise Pascal, 2010, p.111

¹⁸ BAUCHAU, *Journal d'Antigone (1989-1997)*. Aix: Actes-Sud, 1999, p. 501

¹⁹ Id., *ibid.*, p. 500

²⁰ Id., *ibid.*, p.166

Ela vive sua morte e sua vida em Io [...] Ela vive com mais força do que jamais viveu no momento em que o sopro a deixa e no qual é a inspiração universal que se carrega dela.²¹

As duas personagens são ao mesmo tempo dois e um :

No momento em que Antígona sente que perde o sopro, que perde o espírito, ela sabe que na cena também, Io morre com ela numa outra dimensão.²²), « morrendo, ela ouve o canto de Io, ela vê a dança de Clios ». ²³

É como se Antígona visse e ouvisse a cena do teatro no qual está Io que « fala, ela me faz falar como não poderei fazer. É ela que profere os sons e, no entanto, sou eu quem fala.²⁴ No *Diário* de setembro do mesmo ano, lemos: “Antígona morre e vê que ela ressuscita em Io, esta fica na vida. Ela canta a morte de Antígona, a encarna.”²⁵

Em 1992-93, Bauchau já anunciava a morte de Antígona de outra maneira sublinhando a relação amorosa que cada um tem com seu corpo: « percebo que deixo a forma e o amor de meu corpo e vou embora dizendo: sim.²⁶

Dois anos mais tarde, Bauchau escreve:

Estou estranhando a dificuldade que tenho para terminar. O canto de Antígona dever ser um canto ou apenas um grito ? Se precisar de um canto, não seria Io no papel de Antígona que o canta? E Antígona feliz, muito feliz de descobrir na voz de Io, o canto, o seu, que ela ignorava. (Bauchau, 1999, 11/ 11/ 95, 430)

A passagem da vida para a morte se iniciará pela aproximação entre as duas personagens seguido de gritos: “neste instante, abolindo as distâncias, a Antígona de Io lhe significa por gritos dilacerantes que estou <você é > mudando de existência » (1995, Caderno 4, f.111)

A passagem para a morte será significada pela partilha da pulsão do ouvir. Lembremos que é a primeira pulsão vivida no seio materno que permite à criança se sentir conectada ao exterior. Io profere o som ou a música das palavras e Antígona fala sobre a melodia da outra num primeiro tempo como se a mensagem de Antígona fosse transportada pela melodia no teatro. Esta divisão surpreendente dos papéis gera a ubiquidade da personagem presente ao mesmo tempo na gruta e na cena do teatro; ubiquidade que não significa uma separação espacial já que as distâncias são abolidas, mas uma simbiose que, numa segunda etapa, abandona Antígona à morte, para ressurgir numa só Antígona, a de Io que se torna porta-voz da primeira.

A Antígona de Bauchau não é uma personagem de Sófocles já que sua ressurreição numa outra personagem a afasta do dramaturgo grego e será apresentada nos séculos seguintes renovada:

²¹ Id., *ibid.*

²² Id., *ibid.*, p 188

²³ Id., *ibid.*, p, 235

²⁴ Id., *ibid.*, p. 266

²⁵ Id., *ibid.*, p. 287

²⁶ Id., 1992-93, Cahier 3, f. 185

sem cessar de ser sempre a mesma, pelas belezas da voz, dos gestos e da música. Ouço a voz de Io dizer-me para que a vida, o pensamento, o amor se transmitissem através das gerações fugitivas, é preciso que sejam revestidos de beleza, a beleza é somente uma passagem, um conjunto de acontecimentos efêmeros, mas se nós não a descobrimos na estrada, arriscamos parar no caminho²⁷ texto copiado do Caderno 3 de 1992-93, folio 184)

A música deveria servir de meio de transmissão, mas deverá ser acompanhada de beleza, que embora passageira ou mascarada é indispensável para convencer e levar à verdade.

Terceira parte. A teoria quântica e o movimento queer

Apesar de ser estranha para um literato, a aproximação com a teoria quântica dá uma resposta e outra visão à problemática queer, por incrível que pareça.

A personagem Antígona desdobrada lembra a experiência espantosa do astrofísico Erwin Schrödinger (1887-1961) na qual havia um gato às vezes vivo, às vezes morto; experiência dificilmente explicável em nossa cultura ocidental porque não respeita a lei da não-contradição nem do terço-excluído.

Tentando entender o fenômeno, Hugh Everett (1930-1982), astrofísico da geração seguinte, imaginou a teoria das ondas múltiplas nas quais ele situa os acontecimentos na sua amplitude de existência²⁸ e não mais na sua alternativa e assim observa o princípio de não-contradição.

Em outras palavras, os acontecimentos, os universos ou nossos comportamentos e atos, no nosso caso, se superpõem e são percebidos diferentemente segundo o momento pelo observador, quer seja o leitor ou o scriptor. Não há mais alternativa “ou”, mas coordenação “e” e superposição.²⁹

Analogicamente, Bauchau vai ao encontro da astrofísica de Everett quando coloca Antígona, às vezes, filha de Édipo, às vezes, suas descendentes, Io, em primeiro lugar, às vezes mulher, às vezes homem, dependendo de quem a observa e do que ela faz.

No entanto, como Édipo, que ignora sua ascendência e sua história, Bauchau retoma Everett sem saber. Nenhum de seus escritos testemunha seu conhecimento da astrofísica e, no entanto, o escritor tem a mesma ideia de Everett, seu contemporâneo, quando pela arte, une duas personagens na amplitude de sua existência, sobrepondo uma personagem à outra e antecipando a superposição de todas que a representarão na sua bifurcação.³⁰

²⁷ BAUCHAU, *Journal d'Antigone* (1989-1997). Aix: Actes-Sud, 1999, p. 439

²⁸ DAMOUR, *Si Einstein m'était conté*. Paris: Flammarion, 2016, p. 243

²⁹ A « superposição » ou, para retomar nossa imagem cinematográfica, a « surimpressão » de uma multitude de histórias possíveis que coexistem e se ignoram é o elemento central da teoria quântica. (DAMOUR, Thibaut et CARRIÈRE Jean-Claude. *Entretien sur la multitude du monde*. Paris: Odile Jacob, 2018, p.225.

T. D.— Para descrever estados superpostos— ao mesmo tempo vivo e morto— sem violar o princípio de não-contradição, a teoria quântica introduz um novo elemento, uma quantidade que chamaremos de *amplitude de existência* numa certa configuração clássica. (DAMOUR et CARRIÈRE, *ibid.*, p.103)

³⁰ “A cada bifurcação está associada uma amplitude de existência”. (DAMOUR et CARRIÈRE, *Ibid.*, p. 151), isto é, em cada representação de Antígona no teatro, está associada uma amplitude de existência.

« T. D.— Para conhecer a amplitude de existência de cada configuração, temos que considerar todas as histórias possíveis no espaço-tempo. J.-C. C.— Seguindo uma ordem? Indo do início até o fim? T. D.— Passando do estado de uma configuração inicial (se este estado é conhecido) para o estado da configuração final considerado, no instante em que nós o consideramos.

Estou (Antígona) mudando de existência [...] O coração reduz os batimentos [...] Só posso escutar e ver por instantes a Antígona de Io, mas não estou mais certa de fazê-lo com meus olhos e meus ouvidos de viva. A outra, a Antígona de Io não sabe que canta minha morte e não tem necessidade de saber, basta vivê-la já que ela é a verdadeira e logo será a única Antígona.³¹

Encaminhando respostas

Por um lado, a Antígona de Bauchau segue os passos da Antígona de Sófocles e os acentua. Filha e irmã de Édipo, dividida entre os amores pelos irmãos e por Hemon, filho de Creonte, executando trabalhos ditos de homens, soldada entre soldados, perita em armas, enfrentando o poder do tirano, etc.

Por outro lado, diferente do que pensam Butler e Bauchau, direi que Antígona não pertence a um gênero específico, não é somente mulher ou homem, nem é somente hetero ou homossexual nem é andrógena, ela se caracteriza por ser múltipla na amplitude de sua existência.

Distinta de Sófocles, a Antígona de Bauchau se desdobra em outra mulher, Io, que anuncia o futuro da mulher, a mulher livre e portadora de esperanças.

Assim de cada gênero, homem ou mulher, assumido ou não, não há uma só identidade em cada um de nós. Freud, embora inserido na sociedade vienense fixada na organização tradicional dividida em homens e mulheres segundo o sexo, já tinha definido mesmo assim a psique humana como dupla. A teoria quântica vai além das concepções de Freud. Ela as desdobra ao infinito dependendo do observador, dos tempos-espacos vividos ou da amplitude da existência de cada um.

Em consequência, cada um de nós que se reconhece ou é visto como múltiplo pode entrar no pub queer sem problema.

Somos múltiplos, o que lembra espantosamente tanto o último filme de Almodóvar *Dolor y Gloria* (2019), e o poema de Mário de Andrade:

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
Ôh espelhos, ôh! Pirineus! ôh caiçaras!
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!
Abraço no meu leito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!
Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,

A amplitude de existência de tal passagem é obtida misturando todas as cores de todas as histórias possíveis, que se interpolam entre a configuração inicial e a configuração final. J.-C. C.— O mundo ao nosso redor, a qualquer instante dado, não é, portanto, único. T. D.— E como a teoria quântica descreve a realidade por uma amplitude de existência para cada configuração possível de um sistema físico, amplitude que «ondula» muito rapidamente quando a configuração muda, da mesma maneira que a amplitude da luz muda muito rapidamente no espaço, podemos considerar que esta onda quântica de existência é análoga à luz total que provem do Sol.” DAMOUR et CARRIERE, *Ibid.*, p.123

³¹ BAUCHAU, *Antigone*. Aix: Actes-Sud, 1999, p.314

Mas um dia afinal eu toparei comigo...
 Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
 Só o esquecimento é que condensa,
 E então minha alma servirá de abrigo.

Referências bibliográficas

- ALMODÓVAR, Pedro. *Dolor y Gloria* (2019).
- ANDRADE, Mário. *Eu sou trezentos...* (1929).
- BAHIA, Letícia. *Entrevista com Judith Butler*, *Revista AzMina*, azmina.com.br, Novembro de 2017.
- BAUCHAU, Henry. *Antigone*, 1ª versão, Caderno 1, 1992, ML 7973/1.
 -- *Antigone*, 1ª versão, Caderno 3 1992-93, ML 07973/3.
 -- *Antigone*, Aix: Actes-Sud, 1997.
 -- *Journal d'Antigone* (1989-1997), Aix: Actes-Sud, 1999.
 -- *Théâtre complet*, Aix: Actes-Sud, 2001.
- BOUYASSE, Franck. *Né d'aucune femme*. Paris: La Manufacture du livre, 2019
- BUTLER, Judith. *Antigone's claim. Kinship between life and death*. The Wellek Library, 2002.
 --. *Antigone : la parenté entre vie et mort*. Trad. Guy le Gaufey, Paris: EPEL, 2003.
 -- "Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo"". *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, p. 11-42, 1998
 - *Entrevista com Judith Butler*, *Folha de S. Paulo*, 19-11-2017
- CHAULET-ACHOUR, Christiane, *Le personnage d'Antigone : une approche poétique de l'androgynie* in Wathee-Delmotte, Myriam et Mayaux, Catherine, *Henry Bauchau, écrire pour habiter le monde*, Paris : PUV, 2009, 227-238 ou disponível em <https://books.openedition.org/puv/330>, acesso em 11 de janeiro de 2020
- CHICHE, Sarah. *Les enténébrés*, Paris: Seuil, 2019.
- CRISAN, Sorin. *Le théâtre de Bauchau-langue ou langage ? La reine en amont ou la psychanalyse en miettes*. *Revue internationale Henry Bauchau*, Louvain: UCL, 2016-17, 8, p. 180-191.
- DAMOUR, Thibaut disponível em, [http://www.ihes.fr/~damour/Conferences/Damour_ amisIHES_fev2010.pdf](http://www.ihes.fr/~damour/Conferences/Damour_amisIHES_fev2010.pdf), acesso em 11 de janeiro de 2020
- *Si Einstein m'était conté*, Paris: Flammarion, 2016.
 -- et BURNIAT. *Le mystère du monde quantique*, Paris: Dargaud, 2017.
 -- et CARRIERE, Jean-Claude. *Entretien sur la multitude du monde*, Paris: Odile Jacob, 2018.
- DUROUX, Rose et URDICIAN, Stéphanie. *Les Antigonas contemporaines : (de 1945 à nos jours)*, Clermont-Ferrand : Pu Blaise Pascal, 2010.
- GOLSE, Bertrand. *Les signifiants formels comme un lointain écho du bébé que nous avons été*, *Le Carnet psy* 2007, 4.
- PIBAROT, Annie. *Antigone de Bauchau : un roman sur la transmission théâtrale*, *Les Antigones contemporaines : (de 1945 à nos jours)*, Clermont-Ferrand 2 : Pu Blaise Pascal, 2010, p. 105-118.

SCIAMA, Céline, disponível em <http://distrib.pyramidefilms.com/pyramide-distribution-catalogue/portrait-de-la-jeune-fille-en-feu.html>, 2019, acesso em 11 de janeiro de 2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Épistémologie du placard*, Paris: ed. Amsterdam, 2008.

SOPHOCLE. *Tragédies*, Trad. Paul Mazon, Paris: Gallimard, 1973.

SOFOCLES. *Antígona* (441aC). Trad. Donaldo Schüler, Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999.

TALLENT, Gabriel. *My absolute darling*. Paris: Gallimard, 2018.

WILLEMART, Philippe. *A escritural na era da indeterminação*, São Paulo: Perspectiva, 2019

P.S. Os livros não citados no artigo serviram de apoio

Recebido em: 27 de abril de 2020

Aceito em: 8 de novembro de 2020